

Paulo Vasconcelos - CUNHA, Adelino (2023), *Para que serve o PCP? Os anos da Fundação*. Edições São Pedro do Estoril, Saída de Emergência. ISBN 9789899138520, 208 pp. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 nº 1. 2024. 346-349 DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_1r1

CUNHA, Adelino (2023), *Para que serve o PCP? Os anos da Fundação*. Edições São Pedro do Estoril, Saída de Emergência. ISBN 9789899138520, 208 pp.

A obra aqui objeto de análise, da coleção Desassossego, chancela do Grupo Saída de Emergência, constitui uma síntese sobre a História Política do Partido Comunista Português (PCP), o mais antigo partido na cena política portuguesa, fundado em 1921, na 1ª República. Publicada no final de 2023, não surgiu com a intenção de ser um livro, mas de “uma necessidade” (p. 15). O autor, Adelino Cunha¹, destaca repetidamente ao longo da obra uma ideia central, a saber: o PCP, “[n]asceu dentro do sindicalismo revolucionário, emancipou-se do anarquismo e assumiu-se como um partido de classe orientado para a exploração da totalidade das contradições da sociedade burguesa” (p. 3, 83, 87, 113, 132, 169).

Ao narrar múltiplos aspetos e acontecimentos da História do PCP, o autor apresenta uma linguagem simples que facilita a leitura, exprimindo um trabalho objetivo e desprovido de espírito de militância, acessível para o público em geral interessado por História e Ciência Política. Na vasta historiografia portuguesa que versa a história do PCP, esta recente produção passa em revista bibliografia e os principais estudos académicos, nacionais² e internacionais³, entre os anos de 1920 e o ano de 2022. Com recurso a diversos documentos datados entre os anos de 1914 e 1990, sobretudo o *Programa e Estatutos do PCP*, o livro em epígrafe dá primazia aos jornais *Bandeira Vermelha* e o *Avante!*, como publicações periódicas mais utilizadas.

Segundo o autor, a necessidade de ter escrito a obra que recenseamos, parte de “um conjunto de questões sobre a natureza política da guerra e a sua justificação histórica, mas o que suscitou os maiores desafios foram as dificuldades reveladas pelo PCP em posicionar-se ideologicamente perante um conflito desencadeado no espaço geográfico e emocional da pátria do socialismo contra o velho inimigo imperialista” (p. 16). A intenção para a publicação de um trabalho em formato de livro, começou por “configurar-se com a publicação de dois artigos académicos sobre a entrada das ideias marxistas em Portugal

¹ Professor e investigador de História Contemporânea, obteve o doutoramento no âmbito do Programa Interuniversitário de Doutoramento em História

² As obras de autores portugueses mais citadas englobam os trabalhos de Margarido, Cunhal, Pita, César Oliveira, Madeira, Quintela e de Pacheco Pereira.

³ A obra coordenada por Sobolev, é citada com frequência.

Paulo Vasconcelos - CUNHA, Adelino (2023), *Para que serve o PCP? Os anos da Fundação*. Edições São Pedro do Estoril, Saída de Emergência. ISBN 9789899138520, 208 pp. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 nº 1. 2024. 346-349 DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_1r1

e a sua difusão, e o processo de formação do PCP no anarco-sindicalismo e consequente rutura com os anarquistas”, no entanto, “[t]udo mudou porque mudaram as necessidades de interpretação” (p. 16).

A obra constituída por cinco capítulos, «1. Marxismo», «2. Maximalismo», «3. Anarquismo», «4. Comunismo» e «5. Leninismo», sustenta os principais elementos que, são para o autor, fundamentais para descrever o sistema de identidade do PCP. Nesse sentido, é apresentada uma primeira secção «O sistema de identidade do PCP», na qual historiza os acontecimentos que levariam à Revolução de Outubro de 1917 e a subsequente implosão da pátria socialista após o “golpe de Moscovo de 1991”, procurando demonstrar as implicações desse desmoronamento para o PCP e, especialmente, para Álvaro Cunhal.

No primeiro capítulo, o autor relata-nos a penetração das ideias marxistas em Portugal, descrevendo esse processo como extremamente parcelar e com evidentes debilidades teóricas.

De seguida, num segundo apartado, destaca a capacidade da Federação Maximalista Portuguesa⁴ (FMP) — mobilizada pela radicalização da luta de classes — de arregimentar trabalhadores e organizar centros e núcleos comunistas fundamentais para o desenvolvimento do exercício de teorização, que viriam a preparar terreno para a formação do PCP e a respetiva superação das limitações do próprio movimento operário. Não obstante, o autor assinala as “especiais dificuldades de assimilação pelo PCP” (p. 57) da conceção que Lenine atribui à ditadura do proletariado, que advinham primeiramente de uma “impossibilidade de conciliação com as suas raízes anarquistas; depois, devido às circunstâncias concretas de instauração da ditadura militar a partir de 1926 e posterior consolidação do Estado Novo”. (p.57) Neste segundo capítulo, o autor, percorre vários artigos do periódico *Bandeira Vermelha*, órgão da FMP e pioneiro na defesa dos ideais da revolução de Outubro, para realçar as características ímpares deste jornal ao abarcar uma ideologia que contemplava o anarquismo, o bolchevismo e o sindicalismo revolucionário.

O terceiro capítulo, em especial os subcapítulos «Anarquistas com outro nome» e «A originalidade portuguesa», contemplam uma análise das características singulares da

⁴ A FMP surge em 1919, dissolvendo-se em dezembro de 1920 e, a 6 de março de 1921, é fundado o PCP.

Paulo Vasconcelos - CUNHA, Adelino (2023), *Para que serve o PCP? Os anos da Fundação*. Edições São Pedro do Estoril, Saída de Emergência. ISBN 9789899138520, 208 pp. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 n° 1. 2024. 346-349 DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_1r1

formação do PCP no seio do anarquismo e do sindicalismo revolucionário, em oposição com os seus congéneres europeus. Esta particularidade distintiva do PCP no âmbito do comunismo europeu⁵, concomitantemente operária e revolucionária, são para o autor uma característica primordial pois:

“marca fortemente o sistema de identidade do PCP e que contribuiu para explicar simultaneamente tanto as dificuldades discursivas contemporâneas para interpretar as dinâmicas de mudança na organização do trabalho como o seu próprio sucesso existencial” (p. 85)

O quarto capítulo, centra-se na fundação oficial do PCP marcada por fragilidades iniciais, crises internas e a necessidade de superar as raízes anarquistas e do sindicalismo revolucionário. Esta fase inicial, na qual emerge a necessidade de criar uma estrutura extrassindical que organizasse as massas através da unidade dialética, isto é, entre teoria e prática, implicou vários embates ideológicos — particularmente entre anarcossindicalistas e bolchevistas —, descritos em detalhe de forma a enfatizar as dificuldades na interpretação e aplicação do processo de bolchevização em curso no PCP. A mobilização das forças revolucionárias é apresentada como um desafio que exigia a consolidação ideológica e uma organização política congruente. Para Adelino Cunha, a inconsistência ideológica decorrente destes fatores “conduziu a uma intempestiva tentativa de reorganização logo após a fundação” (p. 104) e “[a] consequente crise institucional acabou por levar à existência de dois PCP” manifestadas nas reorganizações de 1929 e de 1940-1941. Neste capítulo, o autor explora ainda os congressos constitutivos do PCP, destacando as fragilidades do primeiro Secretário-Geral, Carlos Rates, e as divergências quanto à tática parlamentar.

O quinto capítulo (e último), o autor procura explorar a evolução do PCP e a adesão gradual ao leninismo, com desafios na assimilação conceptual da ditadura do proletariado e na conciliação com as raízes anarquistas, destacando a importância do ativismo sindical sobre o maximalismo como traço mais característico do partido. É dado enfoque ao «encerramento da bolchevização», processo que colocou em causa novamente a própria existência do PCP, “em resultado da atomização em duas dinâmicas que se combatiam e anulavam mutuamente” (p. 175). O autor, conclui que este processo viria a consolidar a

⁵ Os Partidos Comunistas na Europa, na sua generalidade, nasceram de uma cisão nos Partidos Socialistas.

Paulo Vasconcelos - CUNHA, Adelino (2023), *Para que serve o PCP? Os anos da Fundação*. Edições São Pedro do Estoril, Saída de Emergência. ISBN 9789899138520, 208 pp. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 nº 1. 2024. 346-349 DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_1r1

identidade do PCP, realçando o papel único do partido na resistência durante a ditadura estado-novista, estabelecendo um contraste com o “Partido Socialista [que] autodissolveu-se em 1933, e os anarquistas começaram a perder a sua influência a partir de 1934, com a criação dos sindicatos nacionais” (p.183).

Por fim, num enunciado final intitulado «À prova de futuro?», o autor procura fazer uma ligação das análises históricas sobre o lento processo de bolchevização do PCP com os atuais desafios enfrentados pelo partido. Aborda a complexidade presente na qual emerge o «amadorismo cívico» nas redes sociais como um desafio adicional, destacando a volatilidade do tempo presente caracterizada pela transformação dos cidadãos em «especialistas amadores» do quotidiano. Essa mudança sugere uma desconexão com os tradicionais intermediários na disseminação da informação, transferindo a intervenção cívica para as plataformas digitais.

Em resumo, este trabalho faculta uma abordagem sustentada e crítica da trajetória do PCP e, tem o mérito de recolocar a análise sobre a evolução ideológica do partido, identificando simultaneamente os desafios internos e externos que moldaram a identidade do mais antigo partido político português ao longo dos últimos 100 anos.